



Bolsas Na sexta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na sexta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na sexta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,21% São Paulo	132.155	R\$ 5,436 (-0,16%)	R\$ 1.412	R\$ 6,068	10,65%	10,65%	Abрил/2024 0,38 Maio/2024 0,46 Junho/2024 0,21 Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02
0,33% Nova York	131.730	Últimos					
	24/9 25/9 26/9 27/9	24/setembro 5,463 25/setembro 5,476 26/setembro 5,436 27/setembro 5,443					

CONJUNTURA

Mercado de trabalho fica mais robusto

Desemprego recua em agosto em duas pesquisas divulgadas ontem e número de empregados bate novo recorde

» RAFAELA GONÇALVES

A semana termina com a divulgação de dois dados positivos do mercado de trabalho. A taxa de desemprego no Brasil caiu a 6,6% no trimestre encerrado em agosto, uma redução de 1,2 ponto percentual em relação ao mesmo período de 2023. Conforme os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), essa foi a menor taxa para um trimestre encerrado em agosto na série histórica, iniciada em 2012.

Com os resultados computados pelo órgão do Ministério do Planejamento e Orçamento (MPO), a população desocupada chegou a 7,3 milhões de pessoas — o menor número de pessoas procurando trabalho desde o trimestre encerrado em janeiro de 2015. O número total de trabalhadores ocupados no país Brasil bateu novo recorde, somando 102,5 milhões.

A população ocupada do país cresceu 1,2% no trimestre, ganhando mais 1,2 milhão de trabalhadores. Frente ao mesmo trimestre móvel do ano passado, esse contingente avançou 2,9%, aumento de 2,9 milhões de pessoas.

Para a coordenadora de pesquisas domiciliares do IBGE, Adriana Beringuy, “a baixa desocupação reflete a expansão da demanda por trabalhadores em diversas atividades econômicas, levando a taxa de desocupação para valores próximos ao de 2013, quando esse indicador estava em seu menor patamar”.

Entre os empregados com carteira assinada, o número absoluto de profissionais chegou a 38,6 milhões, maior patamar da série histórica. Contra o trimestre anterior, a alta foi de 0,8%, agregando 317 mil pessoas ao grupo. Contra o mesmo trimestre do ano passado, o ganho é de 3,8%, o que equivale a 1,4 milhão de trabalhadores a mais.

Já os trabalhadores informais, ou seja, sem carteira assinada, somaram 14,2 milhões, também volume recorde. A alta para o trimestre foi de 4,1%, aumento de 565 mil trabalhadores no grupo. No comparativo com 2023, houve aumento de 7,9%, ou de 1 milhão de pessoas.

A taxa de subutilização, que faz a relação entre desocupados, quem poderia trabalhar mais e quem não quer trabalhar com toda a força de trabalho, segue em tendência de baixa. São 18,5 milhões de pessoas subutilizadas no país, o que gera uma taxa de 16% de subutilização. Já a população desalentada, que não procura trabalho, caiu a 3,1 milhões, em seu menor contingente desde o trimestre encerrado em maio de 2016 (3 milhões). Há recuo de 5,9% no trimestre e de 12,4% contra o mesmo período de 2023.

Para o economista do PicPay, Igor Cadilhac, a configuração de recorde de ocupação é o que se espera de um “mercado de trabalho robusto”. “De modo geral, a leitura qualitativa do indicador é de que o mercado de trabalho segue forte e com uma composição

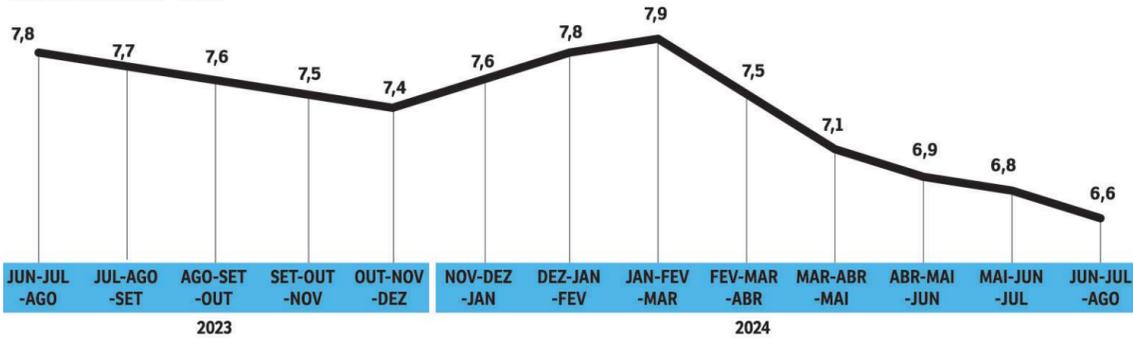
Boas notícias

O mercado de trabalho segue aquecido, rumo ao pleno emprego conforme dados de dois indicadores divulgados ontem

EVOLUÇÃO DO DESEMPREGO

Dados do mercado de trabalho da Pnad

Índice no trimestre - Em %



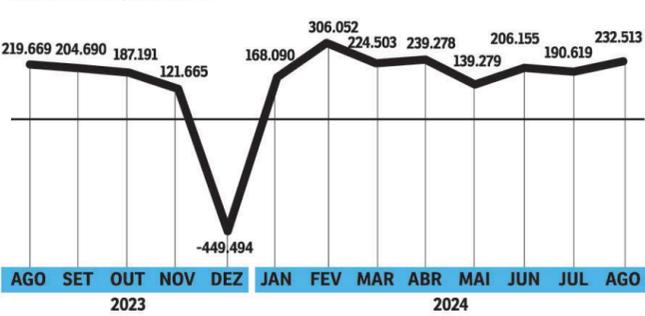
DESTAQUES DA PNAD

População desocupada	7,3 milhões
População ocupada	102,5 milhões
População fora da força de trabalho	66,5 milhões
População desalentada	3,1 milhões
Empregados com carteira assinada	38,6 milhões
Empregados sem carteira assinada	14,2 milhões
Trabalhadores por conta própria	25,4 milhões
Trabalhadores domésticos	5,8 milhões
Empregadores	4,3 milhões
Trabalhadores informais	39,8 milhões
Taxa de informalidade	38,8%

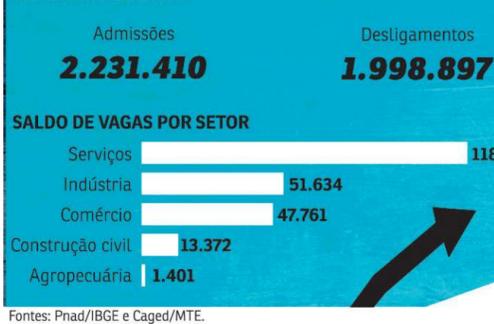
MERCADO DE TRABALHO FORMAL

O Brasil abriu 232,5 mil vagas com carteira assinada em agosto, conforme dados do Caged

Número de vagas criadas



NÚMEROS DE AGOSTO



Fontes: Pnad/IBGE e Caged/MTE.

saudável, recuperando suas características intrínsecas, que agora estão com um desemprego estrutural mais baixo”, avaliou.

“Olhando à frente, esperamos que ele continue aquecido e resista nesse patamar historicamente baixo por mais um bom tempo”, acrescentou. Para 2024, o economista projeta uma taxa média de desemprego de 7,1%, terminando o ano em 6,6%.

Massa salarial

No trimestre encerrado em agosto, o rendimento médio real das pessoas ocupadas foi de R\$ 3.228, sem mostrar variação estatisticamente significativa frente ao trimestre móvel anterior e com alta de 5,1% na comparação com o mesmo trimestre móvel de 2023. Já a massa de rendimentos, que é a soma das remunerações de todos os trabalhadores, chegou a R\$ 326,2 bilhões, mostrando altas de 1,7% no trimestre e de 8,3% na comparação anual.

“Esse aumento no rendimento real é um fator crucial para a

sustentação do consumo das famílias, um dos principais motores da economia”, destacou Arnaldo Lima, líder de relações institucionais do Polo Capital. “A elevação da massa de rendimentos pode gerar um efeito multiplicador na economia, ampliando o poder de compra e incentivando o comércio e o setor de serviços, contribuindo para uma sustentação do crescimento econômico, que os analistas de mercado projetam em 3% em 2024 e 1,9% em 2025”, completou.

Carteira assinada

O Brasil abriu 232,5 mil postos de trabalho com carteira assinada em agosto, número superior a julho, quando foram criados 188.021 empregos formais. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), o saldo foi resultado de 2,231 milhões de contratações e 1,998 milhão de demissões.

O emprego cresceu em todos os estados brasileiros e nos cinco grandes grupamentos de atividades econômicas, com destaque para o setor de serviços, que gerou 118.364 postos no mês. De acordo com o ministro do Trabalho em exercício, Francisco Macedo, o bom resultado do emprego formal aconteceu devido ao início do ciclo de corte na taxa básica da economia (Selic), que começou a cair em agosto de 2023, quando estava em 13,75% ano e caiu até 10,50% ano. Mas, voltou a subir na semana passada. “Ficamos atentos e preocupados com o movimento que é feito pelo Banco Central, e, principalmente, com o que a gente presencia pela imprensa, de alguns analistas do mercado, que ficam apontando o emprego e o aumento da renda como fatores que pressionam o consumo e a inflação”, afirmou.

No acumulado do ano, de janeiro a agosto, os dados do Caged apontam a criação de 1.726.489 vagas de emprego formal e, nos últimos 12 meses, o saldo registrado chegou a 1.790.541 novos

postos de trabalho. Para Sidney Lima, analista CNPI da Ouro Preto Investimentos, a criação de cargos das expectativas demonstra que as empresas estão mais confiantes na demanda futura, mesmo com os desafios econômicos atuais. “Entretanto, olhando adiante, a manutenção desse ritmo de crescimento da economia depende de fatores como políticas fiscais, juros internos e internacionais, além da estabilidade na inflação”, avaliou. “Caso o cenário inflacionário demonstre controle, o mercado de trabalho pode continuar a expandir de forma sustentável, favorecendo o consumo e impulsionando setores diretamente ligados à economia doméstica, como o varejo e a indústria”, projetou.

Vale lembrar que a Pnad é uma pesquisa mais completa sobre o comportamento e situação do mercado de trabalho geral, especialmente pela grande quantidade de trabalhadores informais. O Caged, por sua vez, é a fonte mais confiável para os dados de emprego formal.

Após várias altas, Bolsa volta a cair

» RAPHAEL PATI

Depois da divulgação de vários indicadores positivos ao longo da semana, o Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (B3) acumulou alta de 1,27% nos últimos cinco dias. Contudo, ontem, no penúltimo pregão de setembro, encerrou o dia com queda de 0,21%, aos 132.730 pontos. No acumulado do ano, o Índice Bovespa (Ibovespa), principal indicador da B3, registrou perdas de 1,08%, e, em 12 meses, desvalorizou 2,41%.

De acordo com analistas, o real apresentou fôlego curto apesar da combinação de indicadores aqui e lá fora apontar para uma ampliação do diferencial entre juros interno e externo — o que, em tese, aumenta a atratividade para operações de carry trade, estimulando o apetite por posições na moeda brasileira. Nos Estados Unidos, a última safra de indicadores reforçou o quadro de pouso suave da maior economia do planeta sem fechar as portas para novo corte de 50 pontos-base nos juros pelo Federal Reserve (Fed, o banco central norte-americano). E a alta das commodities, além de favorecer os termos de troca, tende a ajudar na arrecadação do governo, o que mitiga o risco fiscal. Com isso, a divisa brasileira registrou o terceiro melhor desempenho entre os seus pares, atrás apenas do peso chileno e do rand sul-africano. No mês, o dólar acumulou desvalorização de 3,53% e, na semana, recuou 1,53% e voltou ao patamar de R\$ 5,43. Mas, de acordo com analistas, ainda há resistência para que a divisa norte-americana consiga romper o piso de R\$ 5,40.

O Relatório Trimestral de Inflação (RTI), divulgado pelo Banco Central, na quinta-feira, revisando de 2,3% para 3,2% a estimativa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) deste ano, ainda sugere que o ciclo de alta da taxa básica da economia (Selic), iniciado na semana passada, poderá terminar em 12,50% ou até em 13% ao ano.

A queda da taxa de desemprego revelada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o menor patamar da série, em um ambiente de desancoragem das expectativas de inflação, embasam apostas de que o Banco Central pode acelerar o ritmo de alta da taxa Selic, segundo analistas. Ao longo da semana, jogou a favor do real a valorização dos preços das commodities, em especial do minério de ferro, sob o impacto do anúncio de estímulos econômicos na China e do compromisso firme do governo chinês de amparar o crescimento econômico, de acordo com os economistas. (Com informações da Agência Estado)